

## A E O CONCEITO DE PAISAGEM NO ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS/AS DA EJA

**Alkeíres de Freitas Tavares**<sup>1</sup>

**Nadja Erika Santos Felipe de Oliveira**<sup>2</sup>

**Daniel Vater de Almeida**<sup>3</sup>

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre o valor dado às vivências e saberes dos/as alunos/as e dos/as professores/as na Educação de Jovens e Adultos (EJA), na construção do conceito de *Paisagem*, componente essencial do ensino de Geografia. Com isso, torna-se pertinente analisar de que forma o conceito de *Paisagem* é trabalhado na EJA e como os Parâmetros Curriculares Nacionais e Parâmetros Curriculares de Geografia/EJA-Pernambuco norteiam este trabalho. Bem como analisar a funcionalidade do livro didático acerca do conceito de *Paisagem* na EJA. A discussão do conceito de *Paisagem* assume um papel de fundamental importância na alfabetização, no desenvolvimento da *inteligência espacial*. Discutiremos o conceito de *Paisagem* distanciando-se do que está posto pelo senso comum, refletindo de modo crítico com os/as alunos/as da EJA acerca desse conceito negligenciado nesta modalidade de ensino.

Palavras-Chave: Paisagem, Alfabetização, Ensino de Geografia, Educação de Jovens e Adultos, Vivências e saberes, Inteligência Espacial.

### Résumé

Cet article vise à réfléchir sur la valeur donnée à l'expérience et les connaissances des étudiants comme les enseignants comme dans l'éducation des jeunes et des adultes (EJA), la construction du concept de paysage, composante essentielle de l'éducation la géographie. Avec cela, il est pertinent d'analyser de façon que le concept de paysage a travaillé dans l'éducation des adultes et de la façon dont les normes du programme national et programme de paramètres Géographie/EJA-Pernambuco guider ce travail. Et d'analyser la fonctionnalité du livre en classe, sur le concept de paysage dans EJA. Le concept de paysage de la discussion assume un rôle d'une importance fondamentale dans l'alphabétisation, le développement de l'intelligence spatiale. Nous allons discuter de la notion de paysage se distanciant de qui se propage par le sens commun, une réflexion critique avec les étudiants EJA sur ce concept négligé dans ce type d'enseignement.

Mots-clés: Paysage, alphabétisation, éducation géographie, jeunesse et d'éducation des adultes, les expériences et les connaissances, l'intelligence spatiale.

## INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar essa temática surgiu em decorrência das nossas observações em sala de aula, nas disciplinas de *Pesquisa e Prática Pedagógica (PPPs)*, ao longo do curso de Pedagogia. Nessas aulas observamos uma deficiência em relação à abordagem dos

<sup>1</sup> Concluinte do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. alkeires\_07@hotmail.com

<sup>2</sup> Concluinte do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. nadja\_70@hotmail.com

<sup>3</sup> Professor do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE) do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. dhannyell@oi.com.br

Educação de Jovens e Adultos (EJA), sobretudo o

Partindo do princípio de que sem a compreensão do conceito de *Paisagem* a alfabetização espacial não se dá de maneira completa, sentimos a necessidade de investigar o valor dado à construção desse conceito nas turmas de EJA. Bem como intervir no sentido de discutir a importância do conceito de *Paisagem* com docentes e discentes, com base na vivência dos/as mesmos/as. Sem um amadurecimento ou até mesmo uma discussão inicial acerca do conceito de *Paisagem*, torna-se impossível cumprir com os objetivos do ensino da Geografia segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997).

Muitos saberes são negligenciados na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Numa perspectiva geral, os saberes e as vivências dos/as alunos/as, pouco são valorizados como conteúdo de sala e saber científico.

No Brasil, o ensino da EJA assume uma linha compensatória, cuja ênfase é dada ao ensino da Língua Portuguesa e da Matemática pelo seu caráter funcional, pois na grande maioria das escolas, essas disciplinas são trabalhadas de forma isolada, mantendo pouca ou nenhuma relação com disciplinas como: História, Geografia, Ciências, Artes etc.

Nesse sentido, Boquero (2009, p. 36 apud GOMES FILHO, 2012, p. 26) afirma:

De fato no Brasil a EJA se constitui muito mais como produto de miséria social do que de desafios do desenvolvimento sendo consequência de precárias condições de vida da maioria da população associadas a um sistema escolar para classes trabalhadoras, regidas pela lógica da exclusão.

O discurso por parte dos/as docentes de EJA diz que as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática tem maior peso na formação do sujeito em virtude da sua funcionalidade. O que se percebe, no entanto, é uma falta de clareza por parte desses/as docentes, no tocante a importância das demais disciplinas na formação de um sujeito crítico, bem como da intencionalidade política de omitir e/ou distanciar do universo do/a aluno/a, temáticas que o/a instiguem a questionar, a refletir sobre o seu contexto social.

Não há um consenso entre os/as professores/as da EJA em relação ao que vai ser ensinado nesta modalidade, pois nos cursos de Pedagogia e Normal Médio (antigo magistério), há uma lacuna na formação docente, levando as discussões, os enfrentamentos para o campo da Educação Infantil e para os anos iniciais do Ensino Fundamental, negligenciando assim a EJA.

Gomes Filho (2012, p. 26) afirma que:

O exercício da docência na EJA exige uma profissionalização cada vez mais qualificada para essa atividade que apresenta características especiais,

Por ações diferenciadas distanciadas de modelos de professor da EJA é atividade complexa e desafiadora não deveria ser exercida sem um preparo adequado. Ser educador de classes de jovens e adultos não é somente passar por cursos de formação de professores voltados às classes regulares.

No que tange à Geografia, *Paisagem* é um conceito de extrema importância no processo de desenvolvimento da *inteligência espacial* que consiste nas capacidades de percepção do mundo visual com precisão, efetuar transformações sobre as percepções iniciais e ser capaz de recriar aspectos das experiências visuais, mesmo na ausência de estímulos físicos relevantes. (GARDNER, 1994).

É papel da educação e também da Educação de Jovens e Adultos, explorar a *inteligência espacial*, pois esta, bem como as demais *inteligências* fazem parte do desenvolvimento integral do ser humano. Daí sua contribuição para o processo de alfabetização geral. A *inteligência espacial* está diretamente ligada ao mundo concreto, ao mundo dos objetos e a sua localização, na criação de imagens mentais, desenvolvendo a memória visual.

A escola não pode desconsiderar a questão espacial no processo de alfabetização. Pois a questão espacial e geográfica é componente da alfabetização e a negligência desses saberes não alfabetiza o sujeito de forma completa. É importante desenvolver tal aspecto da inteligência nos/as alunos/as para que eles saibam observar e sentir-se inseridos na *Paisagem*, criando assim um sentimento de pertencimento, uma memória visual.

Não podemos conceber a construção do conceito de *Paisagem* em sala de aula, desconsiderando os conhecimentos e as vivências prévias dos/as alunos/as, bem como dos professores/as. Essa valorização dos conhecimentos e vivências prévias do sujeito está presente nos Parâmetros Curriculares de Geografia da EJA do Estado de Pernambuco (2013, p.18):

Os estudantes, ao chegarem à escola, trazem consigo conhecimentos decorrentes de suas vivências espaciais e experiências, resultados de seus deslocamentos, pertencimentos e convivências com diferentes pessoas e grupos sociais. Todas as pessoas trazem do seu ambiente familiar e cultural saberes que não podem ser desconsiderados.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Brandão (1990, p.7):

da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um  
os, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para  
sinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para  
ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com educação. Com  
uma ou com várias: Educação? Educações.

A educação é uma importante ferramenta de transformação social, não importando a  
idade do sujeito que tem acesso a ela. Quer na escola, quer noutro espaço, estamos sempre  
abertos a aprender, formal ou informalmente.

No âmbito da educação escolar, faz-se importante a abordagem dos mais variados  
conceitos e competências para que os objetivos da alfabetização espacial sejam alcançados.  
Porém, o que se observa na realidade é a abordagem dos conceitos de Matemática e Língua  
Portuguesa, enfocando basicamente a leitura e a contagem como componentes básicos para  
uma alfabetização completa.

Através das vivências, observações e discussões nas disciplinas de *Pesquisa e  
Prática Pedagógica*, verificamos um ensino precário no que diz respeito à Geografia, na  
Educação de Jovens e Adultos. Os temas ou conceitos abordados nessa disciplina eram  
basicamente a visualização de mapas, a memorização de nomes de estados e capitais,  
deixando de lado questões espaciais, bem como as vivências e conhecimentos prévios dos/as  
alunos/as.

De acordo com os Parâmetros Curriculares de Geografia da EJA do Estado de  
Pernambuco (2013, p.19):

[...] podemos afirmar que o conhecimento escolar não pode ignorar nenhum  
tipo de conhecimento e as instituições de ensino devem valorizar a  
pluralidade cultural, assim como desenvolver práticas pedagógicas que  
evidenciem a presença de diferentes *õvozesö* e manifestações culturais.  
Tanto professores como estudantes são sujeitos ativos e produtores de  
conhecimentos.

O ensino da Geografia em sala de aula nas turmas de EJA é por vezes negligenciado e  
quando há uma abordagem, é basicamente voltada para citações sobre regiões geográficas e  
mapas, distanciando-se de um fator de suma importância na alfabetização: a *alfabetização  
espacial*. Nas pesquisas e estudos mais recentes, nos últimos cinco anos, observamos uma  
lacuna no que diz respeito à compreensão conceitual de *Paisagem* na EJA, bem como na  
abordagem de um ensino de Geografia crítica, dissociada das questões ligadas ao meio  
ambiente. Tais questões reforçam nossa tese de que há um negligenciamento no tocante ao  
ensino de Geografia na EJA.

O avanço na discussão teórica da Geografia torna possível indicar que todo o processo da Geografia Escolar, no Ensino Fundamental e Médio, deve se assentar nos conceitos de lugar, paisagem, território e região. Esses conceitos deverão aparecer articulados em todos os anos, de maneira crítica e criativa. Não devem ser transmitidos aos estudantes e reproduzidos por eles. Pelo contrário, devem ser construídos e re-elaborados ao longo da trajetória escolar do estudante, sujeito do conhecimento. O professor deve propor o desenvolvimento de atividades variadas que permitam ao estudante criar, reformular e ampliar o domínio conceitual.

Uma pesquisa realizada por Silva (2010) no Centro de Ensino Fundamental 10 do Gama (DF) revela ou aponta que a maioria dos alunos da EJA, retorna à escola em busca de uma ascensão social e/ou melhoria salarial. É necessário oferecer a esses estudantes um ensino de qualidade distanciado do caráter puramente funcional, visando seu desenvolvimento mais global.

Silva (2010) defende um ensino da Geografia que seja dissociado do caráter tecnicista, voltado para o mercado de trabalho. Defende ainda um ensino que considere o/a aluno/a, seus horários, sua alimentação, enfim, seu contexto social como um todo, para que os conteúdos sejam significativos para o/a mesmo/a. Para o autor, o que existe é a ólei do menor esforço, isto é, grande parte dos/as professores/as admitem que os temas/conteúdos geográficos estão fora da realidade do/a aluno/a da EJA. E colocam em cheque se o que se aprende em sala de aula é útil para este/a aluno/a, já na idade adulta e inserido no mercado de trabalho.

M. Knowles (1971, apud SILVA, 2010, p.20-21) afirma que:

Em situações de aprendizagem os adultos diferenciam-se de crianças e jovens, principalmente em relação ao auto conhecimento- a criança e o jovem percebem-se mais dependentes do professor, enquanto os adultos se consideram responsáveis pelo próprio processo de aprendizagem; experiência- adultos trazem experiências de vida acumulada, o que pode servir como fonte, sendo cada integrante, um novo recurso de aprendizagem para outros; prontidão- crianças e jovens precisam atingir um certo nível de amadurecimento físico e psíquico para aprenderem determinados comportamentos e/ou conhecimentos. Os adultos também desenvolvem maturidade em áreas, diferenciadas, porém de cunho social, levando-os a desenvolver interesses específicos e aprender formas mais complexas de conduta em termos de papéis sociais; perspectiva temporal- as crianças e jovens aprendem para o futuro, enquanto o adulto para a aplicação imediata; orientação da aprendizagem- crianças e jovens aprendem assuntos constantes em um currículo que serve de base de conhecimentos para a vida profissional e social, enquanto os adultos procuram aprender aquilo que possa contribuir para resolver os problemas que enfrentam no presente, aquilo que carecem para melhorar seu desempenho e enfrentar os desafios que surgem no dia-a-dia.

.38, apud SILVA, 2010, p.21): "Geografia é a única sem a mínima aplicação prática fora do sistema de

ensino.

LACOSTE (1997) refere-se à questão da aplicabilidade dos conceitos geográficos fora da sala de aula. Critica ainda os métodos e conteúdos ensinados em Geografia, longe das necessidades práticas de vida.

Os Parâmetros Curriculares de Geografia da EJA do Estado de Pernambuco (2013, p.20) afirmam que:

É preciso apostar em uma efetiva renovação do ensino. É necessário alterar a prática de ensino de geografia, o caráter enciclopédico, pretensamente neutro, que entende e trata os conhecimentos geográficos como se fossem um almanaque e que se restringe a solicitar a memorização de certos números de acidentes naturais, feições paisagísticas e dados econômicos. Sabemos que a velha geografia escolar não consegue atender as demandas impostas à formação das crianças e jovens que vivem no mundo diversificado, globalizado e complexo de hoje.

No tocante ao estudo da *Paisagem* observa-se um distanciamento da realidade do/a aluno/a da EJA acerca do conceito propriamente dito. Pois o que se percebe, quando é trabalhado, é o tratamento da *Paisagem* como sinônimo de belo, tudo o que é bucólico, verde, do campo, ou seja, mais um discurso da "amenidade", do "natural" reproduzido do senso comum na escola. No entanto, Santos (2014, p.67) nos diz: "Tudo o que vemos, o que a nossa visão alcança, é paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc."

Nessa medida, o ensino de Geografia hoje, deve, obrigatoriamente, romper com essa visão simplista de enxergar a *Paisagem* somente como referência do belo. Perceber, trabalhar a *Paisagem* com visão geográfica é urgente e faz parte do processo de alfabetização espacial.

Identificar tal imagem como *Paisagem* vai além do simples ver, do simples olhar, a *paisagem* é antes de tudo, percepção, e depende dos olhos que a veem.

Segundo Santos (2014, p.68):

A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de uma forma diferenciada; desse modo, a visão-pelo-homem-das-coisas-materiais é sempre deformada. Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem com aspecto para chegar ao seu significado. A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação, e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência.



*m* e *Região* eram dados como sinônimos. Os geógrafos tertia centúria. Com as mudanças ocorridas no mundo atual, *Paisagem* e *Região* tornaram-se conceitos distintos e não se estuda *Paisagem* como antes. Hoje leva-se em consideração os meios produtivos, novas formas de organização espacial. A Geografia não é somente o estudo da *Paisagem*. (SANTOS, 2014)

O estudo da *Paisagem* constitui um elemento importante para o ensino da Geografia, sobretudo, na EJA, pois segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.117) [...] visa favorecer também a compreensão, por parte do aluno, de que ele próprio é parte integrante do ambiente e também agente ativo e passivo das transformações das paisagens terrestres.

Os Parâmetros Curriculares de Geografia da EJA do Estado de Pernambuco (2013) trazem a definição de *Paisagem* como uma fotografia da realidade geográfica em que está presente a interface realidade-cultura posto que os objetos visíveis são lidos através dos olhares de cada observador, carregados de suas histórias de vida, sentimentos e humores. A *paisagem*, de fato, é uma maneira de ver, uma maneira de compor e harmonizar o mundo exterior em uma cena em uma unidade visual. (CROSGROVE, 1998, p. 98 apud PERNAMBUCO, 2013).

Segundo Santos (2014, p.71) cada tipo de *Paisagem* é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas. A *paisagem* artificial é a *paisagem* transformada pelo homem. E equivocadamente, chamamos de *paisagem* natural aquela ainda não modificada pelo esforço humano. Então façamos uma reflexão espacial: Qual se no passado havia paisagem natural, hoje essa modalidade já não existe.

Ainda se ensina *Paisagem* partindo da ideia equivocada que existe *Paisagem natural*, fazendo que o ensino da geografia na EJA se torne apenas reproducionista e sem ampliar o poder crítico sobre a discussão de *Paisagem*. Tais práticas pedagógicas na EJA se distanciam do real objetivo encontrado nos Parâmetros Curriculares de Geografia da EJA do estado de Pernambuco (2013): relacionar as transformações das paisagens naturais e a intervenção humana no processo de produção do espaço geográfico.

Segundo Santos (2014, p. 71):

A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções, e quanto maior o número de atores maior a diversidade de formas e atores. Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial.

Quando falamos método, estamos falando da forma de construir o conhecimento (GATTI, 2002, p.44, apud GOMES FILHO, 2012, p.17). A referida pesquisa foi construída na perspectiva qualitativa, que diferentemente da perspectiva quantitativa não se apoia em medidas operacionais mas [...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO, 1994, p.17, apud GOMES FILHO, 2012, p.18).

Além de qualitativo, este estudo é também uma pesquisa ação/participante cuja:

metodologia de pesquisa, tem como característica principal a necessidade da inserção do pesquisador no meio, resultando num processo de aprendizagem coletiva, com o intuito de minimizar as desigualdades sociais entre pesquisador e pesquisados, ou seja, uma metodologia de pesquisa que possa fazer com que após o seu desenvolvimento e execução tenha condições de promover mudanças no grupo ao qual foi aplicada ou realizada. (SANTOS; COSTA; TREVISAN, 2004, p.3-4).

Nosso campo de pesquisa ou estudo de caso foram as turmas de EJA, módulos I e II de uma escola municipal da rede pública do Recife. A permissão para a aplicação do projeto nos foi concedida mediante apresentação de ofício datado e assinado pelos professores/as: Alice Botler (docente da disciplina TCC1) e Daniel Vater (orientador do TCC).

No primeiro momento da pesquisa fizemos cinco observações das aulas ministradas aos/as alunos/as da EJA, nos módulos supracitados, fazendo registros da prática docente, bem como do modo dos conteúdos trabalhados, sobretudo o conceito de *Paisagem* e a forma como a professora lida no cotidiano escolar com as vivências e saberes dos/as alunos/as.

Outro passo da pesquisa foi a análise dos livros didáticos da EJA, investigando a abordagem do conceito de *Paisagem*, bem como a análise dos documentos: Parâmetros Curriculares Nacionais/História e Geografia (1997) e os Parâmetros Curriculares de Geografia da EJA do Estado de Pernambuco (2013). Nesses documentos, verificamos a abordagem do conceito de *Paisagem* na EJA: conteúdos, objetivos e orientações didáticas.

Para coleta de dados foram realizados questionários e entrevista com alunos/as e a professora da turma de EJA. Os questionários contemplaram questões como: perfil dos/as alunos/as, faixa etária, nível socioeconômico, relação dos conteúdos de Geografia no cotidiano, contribuição de suas vivências nas aulas de Geografia, a importância do estudo da Geografia e as formas de estudar, perfil docente, tempo de profissão, formação etc.



a construção reflexiva do conceito de *Paisagem* com esse conceito, tanto dos/as alunos/as, como da professora, contribuindo de forma significativa no processo de alfabetização dos/as alunos/as da EJA, nessa escola.

Fizemos uma intervenção buscando resgatar a história do bairro e a sua relação com a *Paisagem* local, contemplando aspectos geográficos, adequando ao conceito de *Paisagem*, como também resgatamos, por meio de relatos, as vivências dos/as alunos/as e sua relação com a história do bairro.

Os/as alunos/as participaram de uma discussão conceitual sobre o que é *Paisagem*, os elementos invisíveis da *Paisagem*, o que eles compreendiam por *Paisagem*. Os/as alunos/as também construíram um roteiro do trajeto da sua casa até a escola.

Refletimos sobre a *Paisagem* institucionalizada. De acordo com Santos (2014) *Paisagem* não é só o que é bonito, nem verde, *Paisagem* consiste numa porção do espaço geográfico que a vista abarca.

Houve também diversos relatos acerca da *Paisagem* local por parte dos/as alunos/as, sobre o bairro de ontem e o bairro de hoje e as principais mudanças, e o que essas modificações significaram para os/as alunos/as, além dos impactos na sua vida, seu cotidiano.

Planejamos inicialmente uma intervenção em forma de aula-campo, para que o conceito de *Paisagem* fosse internalizado pelos/as alunos/as da EJA. Contudo, não foi possível realizar tal intervenção por questões de logística, horário e indisponibilidade da turma.

No lugar da intervenção, foi realizada uma roda de conversa sobre o conceito de *Paisagem* e leitura de imagens para discutir e refletir sobre as transformações do bairro e sua integração à cidade do Recife.

Observamos durante a roda de conversa e nas discussões a dificuldade dos/as alunos/as da EJA em realizar a compreensão de *Paisagem* e os elementos que compõe a *Paisagem*.

O que observamos também foi a ausência de discussões em sala de aula sobre as questões da *Paisagem* local.

Como método avaliativo deixamos que eles relatassem suas experiências e considerações sobre o conceito de *Paisagem*. Não foi possível perceber a concretude do conceito de *Paisagem* nestes/as alunos/as da EJA e de igual modo numa intervenção não se podia fazê-los compreender tal conceito, pois sequer tiveram acesso ao ensino de Geografia.

## I. O LIVRO DIDÁTICO NA EJA

A coleção EJA é composta por três livros, volumes I, II e III, sendo o volume I - alfabetização. Há ainda um outro livro intitulado o Projeto Identidade-História e Geografia de Pernambuco. Os três livros são integrados, curiosamente compostos por três unidades com divisões das competências: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia e Artes.

Nas observações e nos diálogos com a turma ficou claro que os livros não são utilizados em sala de aula. Os volumes analisados foram tomados de empréstimo da biblioteca da escola. No entanto, devemos ponderar que, mesmo que a professora desejasse usar não haveria volumes suficientes para todos/as os/as alunos/as matriculados/as nas turmas de EJA.

A coleção contempla os anos de 2014 a 2016, logo a mesma não está mais em condições de uso. Os livros analisados por serem integrados tem um conteúdo extremamente resumido não só no tocante à Geografia, como também nas demais competências.

No livro EJA (volume I), o conteúdo sobre o conceito de *Paisagem* é basicamente uma abordagem sobre *Paisagem* rural e *Paisagem* urbana encontradas na página 165, ou seja, uma discussão ainda muito segmentada, muito dicotomizada acerca de *Paisagem*. As atividades encontradas nas páginas 166, 167, 168 não tem relação com o conceito abordado no livro, tratam de noções sobre agricultura e plantio.

No segundo (volume II), o conceito de *Paisagem* é abordado denominando a *Paisagem* natural ou humanizada, não abordando o conceito propriamente dito na página 94. Não há atividades propostas no livro para o conceito de *Paisagem*.

No terceiro volume, o conceito de *Paisagem* resume-se a abordar a *Paisagem* rural e a *Paisagem* urbana. Conceituando as áreas rurais como lugares desprovidos de atrativos e as áreas urbanas como paraísos comerciais com indústrias e comércios variados (página 341). As atividades sobre o conceito de *Paisagem* resumem-se a questões sobre agricultura e os meios de produção do campo, não tendo relação com o conceito de *Paisagem* efetivamente.

No livro intitulado o Projeto Identidade-História e Geografia de Pernambuco, o conceito de *Paisagem* é abordado sutilmente, apenas nomeando elementos da Geografia do estado de Pernambuco, a saber: paisagens litorâneas, paisagens urbanas, paisagens rurais, paisagens do agreste, paisagens do sertão (páginas: 131, 148, 158, 163, 168, 177, 184, respectivamente). O livro trabalha *Paisagem* como algo estático, uma foto nomeada e

quilo como *Paisagem*. As atividades são baseadas nas

A coleção como já mencionado é extremamente resumida, os conteúdos são pobres pedagogicamente, fugindo de um aprofundamento nas discussões. Os conceitos são abordados de forma rasa e sem uma base teórica clara que lhes sustente epistemologicamente. As atividades se resumem em questionários, submetendo os/as alunos/as a uma avaliação que não provoque discussões críticas, isto é, questões com as respostas já dadas. E por vezes, questões sem qualquer conteúdo pedagógico a exemplo da pergunta retirada de um dos livros da coleção: "A que parte do município a cidade se refere?"

A coleção de livros negligencia algumas considerações ou diretrizes dadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia (1997, p.53), no tocante ao estímulo da criticidade no ensino de Geografia, no que se diz respeito ao ensino da *Paisagem*, quando recomendam uma abordagem de conteúdos da Geografia, inseridos na perspectiva da leitura da *paisagem*, permitindo que os/as alunos/as conheçam os processos de construção do espaço geográfico:

Uma maneira interessante de iniciar a leitura da paisagem é por intermédio de uma pesquisa prévia de elementos que a constituem. Essa pesquisa pode ocorrer apoiada em material fotográfico, textos, ou pela sistematização das observações que os alunos já fizeram em seu cotidiano, e os alunos podem problematizar, formular questões e levantar hipóteses que impliquem investigações mais aprofundadas, demandem novos conhecimentos.

Em linhas gerais, as atividades fogem as expectativas de aprendizagem encontradas nos Parâmetros curriculares de cunho nacional e estadual.

Analisando a realidade do alunado e o vínculo com o livro didático, especificamente no ensino de Geografia, observamos um antagonismo entre ambos, onde não há uma ligação entre eles, que possa despertar no/a aluno/a, o interesse de encontrar ali, respostas e soluções para suas indagações, sobretudo, soluções para problemáticas enfrentadas por eles/as no cotidiano. "Daí surge a importância de que os autores de livros didáticos também descubram formas atraentes de trabalhar assuntos relativos ao cotidiano dos alunos." (PONTUSCHKA; PAGANELLI e CACETE, p. 343 apud BEZERRA; SILVA; SILVA 2010, p. 1).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 153):

O ensino da geografia, de forma geral, é realizado por meio de aulas expositivas ou da leitura dos textos do livro didático. Entretanto é possível trabalhar com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os alunos, mediante situações que problematizem os diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares e territórios; que disparem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas; e promovam o domínio de

que permitam aos alunos conhecer a paisagem local e outras paisagens em outros tempos e espaços.

## II. QUESTÕES DA DOCENTE

A docente tem 44 anos, sexo feminino. É licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco e pós-graduada em Educação Ambiental. Leciona a turma de EJA-modulada (módulos I e II- nosso campo de estudo). Atua como professora há vinte e três anos e cumpre, atualmente, carga horária de vinte horas semanais. Atualmente, além de trabalhar numa escola municipal da rede pública do Recife, no turno da noite, a docente atua como gestora em uma creche.

A docente tem um bom relacionamento com a turma, conhecendo bem seus/suas alunos/as, pois a maioria reside nos arredores da escola. A docente não tem uma postura tradicional na sua prática de ensino. Porém, no tocante à questão sobre as vivências dos/as alunos/as da EJA, na prática em sala de aula, a docente não considera tais vivências, alegando ter o impeditivo tempo. Ela não envolve as experiências dos/as alunos/as nas discussões em sala de aula por julgar que tais vivências não podem contribuir significativamente na construção do processo ensino-aprendizagem e na alfabetização dos alunos da EJA.

A docente reconhece que encontra dificuldades para trabalhar os conteúdos de Geografia, quando afirma:

*“Gostaria de ter espaço para atividades extra-classe, enriqueceria muito as aprendizagens.”*

Há, no entanto, uma contradição em relação a resposta da professora e a sua prática. Ao ser indagada acerca das ferramentas utilizadas para trabalhar os conteúdos de Geografia, ela responde:

*“Livro didático, vídeos, mapas etc.”*

Em observação das aulas e análise dos relatos dos alunos observamos uma disparidade entre o discurso e a prática. O livro didático não é utilizado. Não é utilizado qualquer recurso visual, seja vídeo, mapa ou qualquer outro. Haja vista a dificuldade dos/as alunos/as se localizarem no espaço, a exemplo de uma atividade proposta em sala de aula por nós, sugerindo que os/as alunos/as construíssem um roteiro do trajeto feito por eles/as de sua casa até a escola. E não foram poucas as dificuldades para relacionar a localização espacial com noções de *Paisagem*, de lateralidade.

## III. QUESTÕES DOS/AS ALUNOS/AS

### Tab. 1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa



A pesquisa conclui que [...] a grande parte dos professores esteja fora da realidade do aluno noturno, levando-os a questionarem se o que é dado vai ser usado no dia-a-dia, em casa ou no emprego.

Quando questionamos os/as alunos/as sobre a sua capacidade de relacionar o conteúdo de Geografia estudado em sala de aula com as suas experiências de vida no dia-a-dia, os seis sujeitos responderam não, a saber, não conseguem relacionar o que é estudado em sala de aula com o seu cotidiano. Isso sugere que muito pouco de Geografia é visto nas turmas de EJA, haja vista a questão do horário das aulas e da preferência pelas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

A ausência do ensino do saber geográfico contraria os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.127) quando sugerem ao professor que:

No primeiro ciclo o estudo da geografia deve abordar principalmente questões relativas à presença e ao papel da natureza e suas relações com a ação dos indivíduos, dos grupos sociais e, de forma geral, da sociedade na construção do espaço geográfico. Para tanto a paisagem local e o espaço vivido são as referências para o professor organizar o seu trabalho.

Ao serem questionados/as acerca de como estudam Geografia os sujeitos em sua totalidade escolheram a opção não sei opinar. Isso revela a falta de conhecimento no tocante ao ensino da Geografia. Evidenciamos então a negligência por parte dos/as professores/as no que diz respeito ao ensino da Geografia.

Ao serem questionados acerca das motivações para voltar a estudar, dos seis sujeitos da pesquisa, três responderam satisfação pessoal, dois, que voltaram à sala de aula para aprender a ler e a escrever para adquirir a Carteira Nacional de Habilitação e um para recuperar o tempo perdido.

Segundo Cordeiro (1984, p.103 e 104 apud SILVA 2010, p. 13):

Alunos trabalhadores ou não, confiam na escola como um meio de realização profissional, o que inclui promoção e um lugar de destaque na estrutura operacional. Incorpora-se, pois, a ideologia que lhe repassam, quando à escola atribuem a via mais provável para a escalada profissional, muito embora, assim como os seus próprios limites enquanto possibilidade.

Ao serem questionados/as sobre suas experiências de vida contribuirão nas aulas de Geografia, todos os sujeitos da pesquisa tem clareza em responder que sim. Embora os sujeitos tenham essa consciência de que suas vivências são importantes nas aulas para a construção do ensino e aprendizagem, tais vivências por vezes são deixadas de lado por se tratar de um conhecimento considerado não científico.



[...] o ensino tem como tarefa viabilizar atividades que possibilitem aos estudantes o questionamento da realidade e dos diferentes objetos do conhecimento. O professor, ao propor atividades desafiadoras, mobiliza a participação ativa do estudante por meio da pesquisa, da resolução de problemas, da busca de novas respostas e do desenvolvimento do pensamento crítico e autônomo.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 128):

Mesmo que ainda não tenham contato com o conhecimento geográfico de forma organizada, os alunos são portadores de muitas informações e ideias sobre o meio em que estão inseridos e sobre o mundo, têm acesso ao conhecimento produzido por seus familiares e pessoas próximas e, muitas vezes, às informações veiculadas pelos meios de comunicação.

Para que o ensino de Geografia se consolide de maneira eficaz, é fundamental que o/a professor/a leve em consideração os conhecimentos prévios dos/as alunos/as para que hajam intervenções criativas e significativas no processo de ensino e aprendizagem inserindo no contexto social do/a aluno/a, os conceitos geográficos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 128) afirmam: “O principal cuidado é ir além daquilo que já sabem, evitando estudos restritos às ideias e temas que já dominam e pouco promovem a ampliação de seus conhecimentos e hipóteses acerca da presença e do papel da natureza na paisagem local”.

Analisaremos as respostas das entrevistas dos alunos a partir da tabela abaixo:

**Tab. 3. Respostas das entrevistas dos/as alunos/as**

Questões	Respostas dos Sujeitos da Pesquisa					
	S1	S2	S3	S4	S5	S6
Como você estuda geografia?	Não estudo geografia.	Não estudo geografia.	Não estudo geografia.	Não estudo geografia.	Não estudo geografia.	Não estudo geografia.
Você consegue fazer associações entre a disciplina de geografia e as outras disciplinas?	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não.
Que assuntos você acha que deveriam ser abordados em geografia?	Não sei.	Não sei.	Não sei.	Não sei.	Não sei.	Não sei.
Para você o que	A casa que eu	Paisagem é um	A igreja na	Engenho do	Ônibus elétrico	Paisagem pra

Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features

		ça é uma	meio é uma	essa Paisagem	mim é um
		aisagem	Paisagem. Eu	me lembro.	jardim bem
		bonita. Quando	não sairia daqui		bonito, com
	Paisagem pra	eu vejo a	não.		muito verde,
	mim.	Paisagem, acho			muitas plantas,
		aquilo bonito.			bem coloridas.

## UNIDADE TEMÁTICA:

### O Ensino da Geografia na EJA

Na entrevista quando questionados sobre como estudam Geografia, todos os sujeitos responderam que *õnãõ estudam geografiaõ*. Isso reflete, uma prática de negligência do ensino da Geografia que vem se perpetuando na EJA. Tornando a prática do ensino-aprendizagem voltado para o trabalho com a Língua Portuguesa e a Matemática, desconsiderando as demais competências e inteligências. Quando tal ensino é negligenciado, os/as alunos/as da EJA apresentam lacunas de conhecimento, sobretudo no que tange à alfabetização e inteligência espacial, por não poderem interpretar o *Espaço* ou a *Paisagem*, ou os saberes geográficos de um modo geral, interferindo inclusive em noções mínimas de localização espacial.

De acordo com os Parâmetros Curriculares de Geografia da EJA do Estado de Pernambuco (2013, p.17): *õA geografia tem um papel formativo dos mais importantes na sociedade, ela estuda questões relevantes sobre a existência humana na perspectiva espacialõ*.

Quando questionados a respeito da capacidade de fazer associações entre a disciplina de Geografia e as outras disciplinas os sujeitos foram unânimes ao responder *õnãõõ*, o que revela a ideia de não haver interdisciplinaridade na EJA, ou seja, voltamos à velha discussão do ensino voltado para a funcionalidade, negligenciando as demais disciplinas.

O conhecimento geográfico pode ser trabalhado mediante interface com outras áreas do conhecimento, a saber: artes, matemática, educação física, entre outras, pois a Geografia trabalha com a espacialidade dos fenômenos em sua temporalidade. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997).

Quando questionados acerca dos conteúdos que deveriam ser abordados em Geografia, os sujeitos foram unânimes mais uma vez em responder *õnãõ seiõ*. Isso comprova a deficiência do ensino na EJA, no tocante aos conhecimentos geográficos, pois conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.123):

Adquirir conhecimentos básicos de geografia é algo importante para a vida em sociedade, em particular para o desempenho das funções de cidadania: cada cidadão, ao conhecer as características sociais, culturais e naturais do lugar onde vive, bem como as de outros lugares, pode comparar, explicar, compreender e espacializar as múltiplas relações que diferentes sociedades

idas estabeleceram e estabelecem com a natureza na espaço geográfico.

Quando questionados acerca da compreensão do conceito de *Paisagem* o sujeito 1 responde: *õA casa que eu tô construindo, ainda falta terminar, isso é paisagem pra mimõ*. A fala do sujeito demonstra com clareza a negligência no ensino de Geografia na EJA. Ele associa *Paisagem* a um bem, ou seja, à imagem de sua casa, como se *Paisagem* fosse a representação da imagem. Como vemos, a fala do aluno não está equivocada, mas ainda assim, não é devidamente valorizada como conhecimento geográfico.

O sujeito 2 responde: *õPaisagem é um lugar com muitas plantasõ*. Ele conceitua *Paisagem* como sendo algo belo, rotulando *Paisagem* como um jardim, um lugar de beleza. Logo, ainda preso a uma definição de *Paisagem* advinda do senso comum, justamente por não haver discussão acerca desse conceito em sala de aula.

O sujeito 3 responde: *õA igreja na praça é uma paisagem bonita. Quando eu vejo a paisagem acho aquilo bonitoõ*. Este sujeito também conceitua *Paisagem* como algo belo, algo que lhe permite expressar afetividade. Aqui, podemos perceber algumas noções do que õnossa vista alcançaõ para sua interpretação de *Paisagem*.

O sujeito 4 responde: *õEngenho do meio todo é uma paisagem. Eu não sairia daqui nãoõ*. Ele conceitua *Paisagem* como sendo um *lugar*, dando a ideia que aquela õpaisagemõ é do seu pertencimento.

O sujeito 5 responde: *õônibus elétrico, essa paisagem me lembroõ*. Ele conceitua *Paisagem* como algo de que lhe remete ao passado, algo que o marcou, ou seja, uma memória afetiva.

O sujeito 6 responde: *õPaisagem pra mim é um jardim bem bonito com muito verde, muitas plantas, bem coloridasõ*. Há similitude nas respostas dos sujeitos 2, 3 e 6 quando os três associam *Paisagem* a algo belo, perfeito, distante da nossa realidade ou da realidade deles/as, alunos/as da EJA.

Em todas as respostas sobre o conceito de *Paisagem*, os sujeitos (alunos/as da EJA) revelam a precariedade do ensino da Geografia na EJA. Ensino esse, que se devidamente fosse realizado de forma reflexiva e crítica, acerca da *Paisagem*, bem como os demais conceitos geográficos, permitiria aos/às alunos/as da EJA, uma alfabetização espacial satisfatória e uma aprendizagem capaz de torná-los/as, sujeitos críticos conscientes do seu papel na sociedade e capazes de interpretar e ou opinar sobre questões do seu convívio e contexto social.

malas podemos confirmar a nossa hipótese inicial de que a Geografia na EJA é extremamente negligente no tocante a questão espacial, mormente no ensino do conceito de *Paisagem*. E que as vivências dos/as alunos/as não são utilizadas, nem sequer valorizadas, reconhecidas, nas aulas das turmas de EJA, como ferramenta de apoio, nas questões relacionadas ao ensino-aprendizagem.

De acordo com os Parâmetros Curriculares de Geografia da EJA do Estado de Pernambuco (2013) há muito a se fazer no campo do ensino da Geografia. É preciso repensar efetivamente a tradição didática dessa disciplina que vem reproduzindo ao longo do tempo a tradição fundamentada no enciclopédismo, na memorização de dados e informações geográficas. Há um consenso a respeito da necessidade da construção de uma proposta pedagógica que nada se assemelha ao ensino atualmente perpetuado nas turmas de EJA. Considerando as seguintes proposições: reflexão das vivências das práticas espaciais dos estudantes; atividades que permitam a interpretação e produção de ideias da Geografia contemporânea; reflexão sobre a diversidade de opiniões sobre um determinado tema; análise crítica sobre os espaços, sobre a sua vida e amplitude dos espaços.

Levando em consideração essa linha de pensamento o ensino de Geografia na EJA tornar-se-á atraente para os/as alunos/as e mais presente na concepção e desenvolvimento da *inteligência espacial*, na localização desse/a aluno/a no mundo e na valorização do seu espaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o conceito de *Paisagem* nas turmas de EJA seja abordado pelo viés do senso comum e visto como um conceito geográfico associado ao *lugar*, à *região*, faz-se importante distinguir tal conceito refletindo sobre ele sob o seu aspecto identitário. É fundamental desconstruir a noção de *Paisagem* equivocada, isto é, da beleza cênica, do verde e conceituá-la de maneira que os/as alunos/as entendam sua importância em sua vida prática. Isso insere tais sujeitos num processo de alfabetização mais abrangente, aproximando a *Paisagem* da sua realidade.

É baseando as discussões sobre a *Paisagem* no viés crítico que o/a aluno/a da EJA percebe que a *Paisagem* não é algo estático, mas vivo, mutante, que pode promover discussão e reflexão.

É importante que o ensino de Geografia e dos seus conceitos assumam um papel permanente na alfabetização dos/as alunos/as da EJA, valorizando assim a interdisciplinaridade como fator de êxito e inclusão no ensino-aprendizagem desses sujeitos,

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, Jackson Leandro da Silva; SILVA, Rafael Fernandes da; SILVA, Renaly Fernandes da. **O Livro Didático e o Ensino de Geografia**. Porto Alegre: 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Cortez, 1990.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de Educação Fundamental,- Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p. 1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Ensino de primeira à quarta série. I. Título.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

EJA Moderna: **Educação de Jovens e Adultos:** Alfabetização/organizadora: Editora Moderna: obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna: editora responsável: Viginia Aoki.-1.ed.-São Paulo: Moderna, 2013. 1. Alfabetização (Ensino Fundamental) 2. Educação de adultos 3. Educação de Jovens I. AOKI, Virgínia. II. Título.

EJA Moderna: **Educação de Jovens e Adultos:** Alfabetização/organizadora: Editora Moderna: obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna: editora responsável: Viginia Aoki.-1.ed.-São Paulo: Moderna, 2013. 1. Educação de adultos 2. Educação de Jovens 3. Arte (Ensino fundamental) 4. Ciências (Ensino fundamental) 5. História (Ensino fundamental) 6. Geografia (Ensino Fundamental) 7. Língua portuguesa (Ensino fundamental) 8. Matemática (Ensino Fundamental) I. AOKI, Virgínia. II. Título.

EJA Moderna: **Educação de Jovens e Adultos:** Alfabetização/organizadora: Editora Moderna: obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna: editora responsável: Viginia Aoki.-1.ed.-São Paulo: Moderna, 2013. 1. Educação de adultos 2. Educação de Jovens 3. Arte (Ensino fundamental) 4. Ciências (Ensino fundamental) 5. História (Ensino fundamental) 6. Geografia (Ensino Fundamental) 7. Língua portuguesa (Ensino fundamental) 8. Matemática (Ensino Fundamental) I. AOKI, Virgínia. II. Título.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente:** a Teoria das Múltiplas Inteligências. Porto Alegre: Artes Médicas, c1994. Publicado originalmente em inglês com o título: **The frames of the mind:** the Theory of Multiple Intelligences, em 1983.

**Professores docentes em EJA: um estudo na rede municipal**  
(mestrado)- Universidade do Vale do Rio dos Sinos,  
Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012.

NASCIMENTO, Edna Josefa Trindade do. **Educação de Jovens e Adultos e Ensino de Geografia: redescobrimos velhos saberes, recriando novos caminhos.** Guarabira: UEPB, 2011. 42f.

PERNAMBUCO (Estado). **Parâmetros Curriculares de Geografia/Educação de Jovens e Adultos.** Pernambuco: UNDIME, 2013.

SANTOS, Luciana dos; COSTA, Reginaldo Rodrigues da; TREVISAN, Tatiana Santini. **Pesquisa Ação Participante: suas contribuições para o conhecimento científico.** Disponível em:

[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/12\\_38\\_57\\_PESQUISA\\_ACAO\\_E\\_PARTICIPANTE.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/12_38_57_PESQUISA_ACAO_E_PARTICIPANTE.pdf). Acesso em: 25 out. 2016.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia.** São Paulo: EDUSP, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.-23.ed. rev. E atual.-** São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, José Sidney da. **O ensino da geografia na EJA: adequabilidades dos conteúdos à vivência dos alunos.** 2010. 39 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso(Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania- EJA)- Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Brasília, 2010.

TEIXEIRA, Francisco Maria Pires. **Projeto identidade: história e geografia de Pernambuco.** São Paulo: Ática, 2013.